

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 13, número 2 (2022)
ISSN: 2177-2886

Artigo

“Quem Vive na Margem não se Afoga Nessa Água”¹: Geografias de Corpos e Espaços Bissexuais

*“Los que viven al margen no se ahogan en esta agua”:
geografías de cuerpos y espacios bisexuales*

*“Those living on the margin does not drown in this
water”:
geographies of bisexual bodies and spaces*

Hortência Gomes de Brito Souza

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil
brittohortencia@hotmail.com

Marcio Jose Ornat

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil
geogenero@gmail.com

Como citar este artigo:

BRITO SOUZA, Hortência Gomes de; ORNAT, Marcio Jose. “Quem Vive na Margem não se Afoga Nessa Água”: Geografias de Corpos e Espaços Bissexuais. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 2, p. 145-166, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

“Quem Vive na Margem não se Afoga Nessa Água”: Geografias de Corpos e Espaços Bissexuais

“Los que viven al margen no se ahogan en esta agua”: geografías de cuerpos y espacios bisexuales

“Those living on the margin does not drown in this water”: geographies of bisexual bodies and spaces

Resumo

Neste trabalho, temos por objetivo compreender como a geografia compõe as vivências identitárias interseccionais de pessoas bissexuais, na cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná. Para tanto, realizamos quatro entrevistas com pessoas que se autoidentificam como bissexuais, sendo elas: duas mulheres cisgênero, um homem cisgênero e uma pessoa não-conformista de gênero. Em seguida, analisamos as entrevistas segundo o método categorial por enunciações (BARDIN, 1977). Seus relatos nos demandaram pensar sobre quatro conceitos-chave: identidade; interseccionalidade; corpo; e espaço. Ao estabelecermos um diálogo entre os relatos e os conceitos-chave, evidencia-se como as identidades bissexuais se desenvolvem, na maior parte das vezes, de forma solitária e, por isso, o corpo aparece veementemente, pois se mostra como um espaço de existência e resistência.

Palavras-Chave: Bissexualidade; Identidade; Interseccionalidade; Corpo; Espaço.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo comprender cómo la geografía compone las experiencias identitarias interseccionales de personas bisexuales en la ciudad de Ponta Grossa, en Paraná, Brasil. Para ello, realizamos cuatro entrevistas a personas que se autoidentifican como bisexuales, a saber: dos mujeres cisgénero, un hombre cisgénero y una persona género-inconformista. Luego, analizamos las entrevistas según el método categórico por enunciados (BARDIN, 1977). Sus informes nos direccionaron hasta cuatro conceptos clave: identidad; interseccionalidad; cuerpo; y espacio. Cuando establecemos un diálogo entre los relatos y los conceptos clave se queda evidente cómo las identidades bisexuales se desarrollan, la mayoría de las veces, de manera solitaria, y es por ello que el cuerpo aparece con vehemencia, pues se muestra como un espacio de existencia y resistencia.

Palabras-Clave: Bisexualidad; Identidad; interseccionalidad; Cuerpo; Espacio.

Abstract

This study aims to understand how geography composes the intersectional identity experiences of bisexual people in the city of Ponta Grossa, Paraná, Brazil. To achieve the aim, we conducted four interviews with people who self-identify as bisexual, namely, two cisgender women, one cisgender man and one gender nonconforming. Next, we analysed the interviews according to the categorical and enunciation analysis (BARDIN, 1977). Their stories demanded the consideration of four key concepts: identity; intersectionality; body; and space. The dialogue established between the stories and the key concepts evidenced how bisexual identities develop, most of the time, in loneliness, and for this reason the body appears vehemently as a space of existence and resistance.

Keywords: Bisexuality; Identity; Intersectionality; Body; Space.

Hortência Gomes de Brito Souza, Marcio Jose Ornat



Introdução

Este artigo tem por objetivo compreender como a geografia compõe as vivências identitárias interseccionais de pessoas bissexuais, na cidade de Ponta Grossa, no estado do Paraná. Através de uma busca sistemática com o termo “bissex” no Observatório da Geografia Brasileira (OGB - GETE/UEPG), entre um volume de 25.432² artigos online, publicados entre os anos de 1939 e 2019, obtivemos apenas seis artigos que, no título, no resumo e/ou nas palavras-chave, possuíam o termo “bissex” (0,02%). Destes seis artigos, todos elaboraram uma discussão que generalizava a identidade/orientação bissexual com as experiências de outras identidades/orientações sexuais. Isso evidencia que a Geografia brasileira tem produzido um silenciamento sistemático sobre a diversidade humana. Por entender que a construção da Ciência é constituída por posicionalidades (ROSE, 1993), objetivando preencher uma lacuna teórica, compreendemos a geografia da diversidade identitária das pessoas bissexuais na cidade de Ponta Grossa/PR.

Nosso referencial empírico está relacionado aos resultados da realização de quatro entrevistas com pessoas que se autoidentificam como bissexuais (duas mulheres, um homem e uma pessoa não-conformista de gênero). As entrevistas foram analisadas segundo o método categorial por enunciações, proposto por Laurence Bardin (1977).

Por compreender que as falas das pessoas entrevistadas dialogam com os conteúdos programáticos dos conceitos de identidade, interseccionalidade, corpo e espaço, organizamos nossas reflexões em dois momentos.

No primeiro momento desta reflexão, pensamos o fenômeno a partir dos argumentos realizados por Stuart Hall (1996), Joan Scott (2005 [1999]), Mathias Le Bossé (2013 [1999]), Rosaura Sánchez (2013) e Rogério Haesbaert (2013). Em relação ao conceito de interseccionalidade, temos autoras como Audre Lorde (2007 [1984]), Kimberlé Crenshaw (1989), Gill Valentine (2007), Joseli Maria Silva e Maria G. S. N. Silva (2011). Sobre a discussão relacionada ao conceito de espaço, dialogamos com Edward Soja (1999) e Doreen Massey (2008 [2005]). Finalmente, no que se refere ao corpo, utilizamos, de um lado, os resultados obtidos em uma busca sistemática realizada no OGB sobre os artigos publicados na área da Geografia e que problematizaram o corpo e, de outro, realizamos o diálogo desta produção com as afirmações realizadas por Andrew Herod (2011), e Joseli Silva e Márcio Ornat (2016).

No segundo momento deste artigo, analisamos as entrevistas que foram realizadas com as pessoas que se autoidentificam como bissexuais e que residem na cidade de Ponta Grossa/PR. De forma geral, estas falas indicam que as identidades bissexuais se desenvolvem, majoritariamente, de forma solitária. Este é um importante indicativo explicativo da importância da geografia do corpo para estas pessoas, sendo simultaneamente um espaço de existência e resistência.

1 Frase extraída da música ‘Imortais e Fatais 2’ de Baco Exu do Blues. A música denuncia violências e preconceitos sofridos por minorias, em especial, por pessoas negras.

2 Esta busca foi realizada em 04 de junho de 2021 e, às 17h38 dessa data, este era o volume total catalogado pelo OGB.

As identidades como um processo do/no corpo, espaço e tempo

A bissexualidade, que é o tema central deste artigo, é entendida como uma orientação sexual, mas também como uma identidade. Michel Foucault e Judith Butler são teóricos influentes na produção geográfica em torno das sexualidades, do corpo e do espaço e, nesse sentido, suas produções teóricas são importantes para pensarmos sobre sexualidade e identidade (SILVA *et al.*, 2013).

Em específico, Foucault (1988) entende a sexualidade como um conjunto de desejos, de identidades e de condutas sexuais, que é influenciado pelas ideias que promovem a regulação da atividade sexual concreta, relacionada aos prazeres do corpo. Ele entende a sexualidade não como um “instinto natural”, mas ligada aos costumes de um determinado espaço-tempo. Deste modo, o autor entende a sexualidade também como uma identidade constituída por uma geografia.

Se, para Silva *et al.* (2013), Michel Foucault entende a sexualidade como uma identidade, a bissexualidade, sendo uma orientação sexual, pode ser também compreendida como tal. Por isso, estamos tomando a categoria identidade como ponto de partida, a fim de compreender como a bissexualidade se configura no espaço e/ou ainda, como a geografia compõe as vivências bissexuais interseccionais na cidade de Ponta Grossa/PR.

De acordo com Hall (1996), diferentes debates começaram a surgir sobre uma possível crise das identidades, ancorada no argumento de uma fragmentação, descentralização e deslocamento das identidades. Isso porque, no final do século XX, houve uma ascensão de grupos identitários (étnico-raciais, feministas, LGBTQIAPN+³, religiosos, nacionalistas, etc.), reivindicando direitos direcionados para suas necessidades. Parte deste mesmo argumento discorre também sobre como a percepção que temos de nós mesmos vem mudando e como nossas identidades têm se transformado ao longo do tempo.

Em sua argumentação, Hall (1996) aborda três formas distintas de como a identidade estava sendo compreendida. Na primeira forma, a identidade é inerente ao sujeito, sendo revelada ao longo do tempo, mas sempre contínua e imutável, compreendida pelo autor como uma maneira individualista de se conceber os sujeitos. Na segunda forma, a identidade é entendida através das relações sociais, não estando exatamente sob o nosso controle, mas sendo constituída pela relação com “outros significantes”⁴ (HALL, 1996, p. 597), que mediam o nosso contato com o mundo. Segundo o autor, essa perspectiva de compreender a identidade preenche a lacuna entre *insider* e *outsider* e, uma vez que os sujeitos internalizam e se apropriam das identidades culturais, ambos, sujeito e cultura, tornam-se unificados e previsíveis. Esta relação, segundo o autor, é o que desestabiliza e fragmenta as identidades, produzindo então a terceira forma, que Hall (1996) define como a identidade do sujeito

3 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queers, Questionando, Intersexuais, Assexuais, Pansexuais, Não-binárias e mais outras pessoas cujas sexualidades e identidades de gênero fujam da cis-heteronormatividade.

4 “Significant others” (HALL, 1996, p. 597) – tradução nossa.



pós-moderno, entendendo-a como algo transitório, sendo produto das nossas relações sociais históricas, nas quais assumimos diferentes identidades em diferentes tempos e espaços.

Após analisar o caso do Juiz Thomas, em que podemos observar uma análise interseccional das identidades do juiz e de sua geopolítica, Hall (1996) elabora algumas considerações sobre o que ele chama de “o jogo das identidades”⁵. A primeira trata sobre a contradição das identidades, as quais podem anular ou deslocar umas às outras. A segunda argumenta que as contradições das identidades operam tanto fora (do corpo) quanto dentro das mentes das pessoas. A terceira afirma que nenhuma identidade tem a capacidade de servir como um grande guarda-chuva para todas as outras. A quarta é sobre como o campo político vem se fragmentando, devido à descentralização de algumas identidades e o surgimento de outras. A sua última consideração discorre sobre como as identidades são constituídas pelo encontro entre espaço, tempo e relações sociais. O autor chama esta relação cotidiana de “jogo das identidades”, por ser um jogo de ganhar/perder.

Scott (2005 [1999]), assim como Hall (1996), discorre sobre a impossibilidade de haver uma identidade guarda-chuva que abarque todas as outras, ou até mesmo um agrupamento menor de identidades, pois as pessoas são diferentes em todas as suas interseccionalidades⁶. Mas, como pensar em políticas afirmativas de fato inclusivas e justas, quando os sujeitos são reconhecidos como cidadãos, apenas quando inseridos em grupos? Existe uma demanda pessoal, que só é visualizada e, possivelmente, atendida, se o indivíduo pertencer a um coletivo.

O que então se evidencia é que, ao mesmo tempo em que estas identidades, grupais ou individuais, possuem pontos positivos, pois nos passam uma sensação de pertencimento e nos dão respostas acerca da nossa existência, estas também possuem pontos negativos, ao apagarem o que nos torna únicas/os. Isso é o que Scott (2005 [1999]) considera como um dos paradoxos da identidade.

Outros dois paradoxos explanados pela autora tratam sobre como os problemas de uma identidade oprimida se tornam responsabilidade da mesma (por exemplo, o racismo se tornar um problema de não-brancos, o patriarcado se tornar um problema feminino, etc.), e sobre como, ao reivindicarmos direitos, estamos tanto reconhecendo como negando a alteridade. Estes paradoxos são facilmente vistos nas identidades bissexuais, como trataremos no segundo momento deste artigo.

Enquanto Hall (1996) discorre sob uma perspectiva que simpatiza com o argumento de descentralização das identidades modernas, e Scott (2005 [1999]) expõe as incongruências das identidades, Le Bossé (2013) busca revisar como a Geografia Cultural vem elaborando reflexões sobre a identidade. Para o autor, assim como para Scott (2005 [1999]), as políticas de identidade são estratégias complexas e paradoxais. Ele completa afirmando

5 Por mais que o autor não utilize este conceito, podemos observar um argumento interseccional do que ele chama de “*play of identities*” (HALL, 1996, p. 600-601).

6 Assim como Hall (1996), Scott (2005 [1999]) não utiliza o conceito de interseccionalidade no seu texto, mas conseguimos identificar traços desta discussão.

que são carregadas de valor e poder, tornando-se focos de resistência. Como visto em suas palavras:

Se, logo à primeira vista, a identidade apresenta-se como a resposta a um ‘o que é?’, ‘quem são eles?’, ‘quem somos nós?’, e serve para dar substância e sentido a objetos ou pessoas, ela pressupõe que sejam estabelecidos critérios adequados a uma identificação, que, de sua parte, remete a dois processos distintos e complementares (LE BOSSÉ, 2013, p. 223).

O primeiro processo parte da necessidade de nomearmos algo e/ou alguém, e o segundo nasce da necessidade que temos de criar relações que partam de um sentimento de pertencimento, sendo este processo dialético, ou seja, ao nos identificarmos com algo/alguém, estamos nos desidentificando com outrem (HALL, 1996; LE BOSSÉ, 2013). Por isso “é preciso ressaltar que toda forma identitária apresenta-se como um equilíbrio de tensões entre o ser e o vir a ser” (LE BOSSÉ, 2013, p. 224), e que os processos de construção das identidades são percebidos de formas diferentes pelas pessoas, porque somos interseccionados por diversos referenciais, que fazem com que tenhamos diferentes experiências identitárias em uma mesma categoria.

Para Le Bossé (2013), o lugar é o foco das identidades, ainda que tenha sido apenas após a década de 1970 que a identidade passou a ser pensada na Geografia, assumindo as sociedades como agentes transformadores dos lugares. Deste modo, o lugar se torna a espacialidade das identidades, atuando em diferentes escalas: do corpo, da casa, do bairro, do urbano, do regional, do nacional, entre outras. E a rede de conexão das diferentes espacialidades, em diferentes escalas, cria também uma rede de identidades múltiplas, que também se dão em diferentes possibilidades escalares. Portanto, para o autor, toda experiência identitária é espacial e se transcreve em diferentes escalas, simultaneamente, mesmo que não percebida ou não teorizada.

Tanto Le Bossé (2013) quanto Sánchez (2013) compreendem que a identidade não pode ser compreendida fora das relações de poder, pois é fruto destas relações. Pensando ainda sob o argumento de Silva *et al.* (2013), e sob as afirmações realizadas por Hall (1996), a elaboração das identidades bissexuais é resultado desde “dentro” e de “fora”. Sánchez (2013) reconhece que as políticas identitárias são, muitas vezes, produtos de manipulação de forças hegemônicas, mas uma política crítica da identidade pode fazer parte da organização política, desestabilizando discursos hegemônicos, mesmo que o foco de transformação não seja, a priori, na estrutura.

Nossas identidades são fruto de um espaço-tempo específico, com forças hegemônicas e estruturas sociais específicas. Entretanto, não nos reduzimos a isto, visto que estamos sempre cambiando em nossas relações, criando diferentes identidades e intersecções destas identidades (SÁNCHEZ, 2013). Neste caminho, compreendemos que:

A identidade, é claro, não pode ser reduzida à localização ou à posição social, mas também não pode ser analisada de forma significativa sem levá-las em consideração. Na verdade, eu diria que a localização social e a identidade podem ser consideradas distintas,

mas inseparáveis (SÁNCHEZ, 2013, p. 35)⁷.

Portanto, para a autora, o processo de autoidentificação pressupõe o reconhecimento das relações presentes entre posicionalidades socioespaciais. Mas a identidade não é só sobre os pontos comuns, mas também envolve contradições e a não-identificação (HALL, 1996; LE BOSSÉ, 2013; SCOTT 2005 [1999]; SÁNCHEZ, 2013).

Para Haesbaert (2013), assim como para Sánchez (2013), a identidade é transitória, expressa em um espaço ou como parte de um espaço produzido histórico e socialmente, mesmo que alguns/mas pesquisadores/as a tenham discutido como algo estático e imutável.

Ainda, para o autor, a identidade sempre se dá em relação a um referente, comum ou outro. Essa relação produz também diferenças e são essas diferenças que tendem a tornar ininteligível e estigmatizado o que enxergamos como diferentes de nós (HAESBAERT, 2013). Essa ininteligibilidade e estigmatização são muito presentes na vida de pessoas bissexuais que, como pudemos acompanhar com as entrevistas, são pessoas que são fetichizadas e/ou desclassificadas como possuidoras de uma sexualidade legítima.

Segundo Haesbaert (2013), todas as identidades são espaciais. E o espaço opera na identidade com um propósito de condensar memórias de um grupo, ou mesmo de indivíduos. Além de condensar as memórias, o espaço também as guarda e as mistura, na medida em que outras identidades e outras memórias se formam.

Por mais que as/os autoras/es citadas/os para a discussão de identidade não utilizem o termo “interseccionalidade” em suas obras, uma discussão interseccional pode ser observada nas mesmas, pois fica claro em seus discursos que o ser humano é multifacetado e plural. Apesar dos trabalhos sobre o conceito de interseccionalidade mencionados aqui terem sido publicados anteriormente aos trabalhos sobre o conceito de identidade, entendemos que a construção do primeiro depende da compreensão do segundo e, por isso, adotamos esta inversão cronológica.

Em 29 de maio de 1851, na Convenção de Direitos da Mulher em Ohio, Sojourner Truth proferiu um discurso que ficou marcado na história. Em sua fala, Truth questiona os argumentos dos homens negros, das mulheres brancas e dos homens brancos ali presentes, de que as mulheres eram frágeis e necessitavam de ajuda para a realização de tarefas simples, sendo que a ela nunca foi oferecida ajuda. Ao final de cada réplica, Truth finalizava com a frase “e eu não sou uma mulher?” (TRUTH, 1875, p. 134). Podemos considerar que esta fala é uma das primeiras, se não a primeira referência escrita sobre aquilo que hoje nós temos denominado como interseccionalidade.

O que Truth (1875) evidenciou com sua fala é que os ativismos negros e/ou abolicionistas, e os ativismos pelos direitos das mulheres, por mais que possuíssem discursos que, em teoria, abrangiam todas as pessoas com marcadores raciais e todas as pessoas com marcadores de gênero,

⁷ *"Identity, of course, cannot be reduced to social location or positioning, but it also cannot be analysed in any meaningful way without taking it to account. In fact, I would argue, social location and identity could be said to be distinct but inseparable"* (SÁNCHEZ, 2013, p. 35) – tradução nossa.

respectivamente, estes ativismos não a contemplavam. As lutas pela igualdade e liberdade de pessoas negras se voltavam apenas para os homens, e as lutas pela igualdade e liberdade de mulheres se voltavam apenas para mulheres brancas, mais comumente àquelas pertencentes à classe média e à classe alta.

Uma outra ativista afro-estadunidense, Audre Lorde, 129 anos depois do discurso de Truth, também expôs as incongruências da universalização das identidades. Diferentemente de Truth, Lorde adentrou o espaço da Academia, publicando textos literários, mas também trabalhos científicos. Assim como Truth, Lorde não utilizava a palavra “interseccionalidade”, apesar desta estar implícita no discurso de ambas. Indo mais além que sua antecessora, Lorde explora a sexualidade e a idade como identidades, além de discutir as desigualdades de gênero, de raça e de classe.

Para Lorde (2007 [1984]), as nossas diversas identidades nos tornam diferentes, mas não são elas as responsáveis pelas divisões sociais, mas sim a nossa resistência em reconhecer que nossas diferenças existem. Para a autora, existe uma “norma mítica”⁸ (LORDE, 2007 [1984], p. 116) em nossa consciência, com a qual não nos identificamos comumente. Esta “norma mítica” é detentora do poder que engendra a nossa sociedade, e as pessoas que não se enquadram no padrão da sociedade ocidental se percebem como diferentes e acreditam que estas diferenças causam as opressões, quando, muitas vezes, somos nós quem as (re)produzimos.

Lorde (2007 [1984]) acreditava que o feminismo, em sua maioria, voltava-se para as necessidades das mulheres brancas e heterossexuais, tendo como inimigo o patriarcado. Já as comunidades negras, tendo o racismo como inimigo, muitas vezes esqueciam que membros de sua comunidade também sofriam com o patriarcado. Desta forma, tanto o feminismo hegemônico quanto as comunidades negras reproduziram silenciamentos e preconceitos.

Ao se identificar como uma mulher de meia idade, negra, lésbica, socialista e mãe, além de ser uma ativista dos direitos das pessoas de cor e das mulheres, Lorde (2007 [1984]) se sentia forçada a viver de forma fragmentada. A autora se sentia impelida a sempre escolher evidenciar uma de suas identidades, em detrimento das outras (algo semelhante ao que Hall [1996] veio a chamar de “jogo das identidades”). Entretanto, os momentos em que ela se sentia mais empoderada para lutar pelas causas que acreditava eram aqueles em que ela abraçava todas as suas identidades abertamente. Portanto, para Lorde (2007 [1984]), para além de tentarmos exterminar situações opressoras, precisamos reconhecer que, em cada um de nós, existem partes que são oprimidas, mas que também oprimem e, assim, a mudança radical deve iniciar internamente.

Kimberlé Crenshaw é a autora creditada por criar o conceito de interseccionalidade (ou de ao menos nomear uma prática que já existia na análise de algumas mulheres afro-estadunidenses, como demonstrado). A ideia de Crenshaw (1989) é utilizar a figura das mulheres negras para demonstrar que análises que partem de apenas um eixo, tanto na análise feminista, quanto na análise antirracista, apagam as mulheres negras da identificação, da remediação e da conceituação presentes nelas. Isso ocorre porque as mulheres negras são oprimidas tanto pelo racismo quanto pelo patriarcado/sexismo,

8 “*Mythical norm*” (LORDE, 2007 [1984], p. 116) - tradução nossa.

simultaneamente. Para demonstrar seu argumento, a autora analisa três casos: Título VII, da Lei dos Direitos Civis de 1964: *DeGraffenreid vs. General Motors; Moore vs. Hughes Helicopter; e Payne vs. Travenol*.

Apesar de diferentes, em termos de abordagem dos casos, as três denúncias carregam em comum a invisibilidade da interseccionalidade entre raça e gênero das mulheres que moveram as ações. Com estes casos, Crenshaw (1989) evidencia a invisibilidade das mulheres negras, tanto em relação à luta antissexista/feminista, quanto na luta antirracista, onde essas mulheres, muitas vezes, eram vistas como uma ameaça às pautas individualizadas. A autora também demonstrou que existem limitações e contradições em análises que partem de uma única identidade, e, por isso, uma perspectiva interseccional se faz necessária.

Apesar de já explorada em outras áreas, a interseccionalidade começou a ser utilizada na Geografia mais tardiamente. Gillian Rose (1993) denuncia a suposta neutralidade e imparcialidade que a Geografia e as ciências, de forma geral, pregavam. A autora expõe que esse discurso produziu ausências e lacunas na história da Geografia, a qual foi escrita, quase que exclusivamente, por homens brancos, cisheteronormativos, europeus, dentre outras identidades “neutras”.

Para Rose (1993), a/o sujeita/o do feminismo não é apenas marcada/o pelo gênero, mas possui experiências raciais/étnicas, classistas e sexuais. Portanto, esta/e sujeita/o não é unificada/o, mas sim, múltipla/o e repleta/o de contradições. E é pensando nessas contradições que a autora vai elaborar o conceito de espaço paradoxal.

Para a autora, o termo “políticas de localização”, que vinha sendo utilizado dentro do feminismo para pensar as localizações das identidades, implica que qualquer pessoa pode estar localizada tanto nas matrizes de poder (*insider*/centro) como também nas de resistência e de subjetividade (*outsider*/margem). Assim, se as identidades são múltiplas e são espacializadas, então o espaço é também múltiplo, e se as identidades são contraditórias e paradoxais, o espaço é também contraditório e paradoxal.

Assim como Rose (1993), Gill Valentine (2007) aponta críticas feministas à Geografia, questionando-a pelo seu baixo número de geógrafas e pelas suas tentativas falhas de incorporação da mulher no debate geográfico. Um dos primeiros mecanismos de incorporação da pauta feminista na Geografia foi a discussão do patriarcado e como o mesmo produz espaços desiguais para homens e mulheres. Mas esse debate, sozinho, não dava conta de abarcar todo o sistema de opressão, assim como o debate acerca das lutas de classes também não é suficiente.

Para Valentine (2007), o debate sobre interseccionalidade nasce então da necessidade de se compreender o sistema de opressão, sem privilegiar uma categoria sobre a outra (gênero, raça/etnicidade, sexualidade, classe, etc.), entendendo que estas categorias de experiências são interconectadas e são interdependentes.

Devido ao fato de teóricos sobre interseccionalidade terem prestado pouca atenção à análise espacial, a Geografia encontrou dificuldade para tratar deste fenômeno empiricamente. Essa dificuldade se deu também por este fenômeno não ser facilmente compreendido pelo modelo da Geografia tradicional, devido

à demanda de tempo de pesquisa e recursos para tal.

Ao analisar as histórias de Jeanette, uma mulher branca, de meia idade, surda e lésbica⁹, Valentine (2007) demonstra empiricamente o argumento de Lorde (2007 [1984]), Crenshaw (1989), Rose (1993) e Hall (1994), sobre uma identidade sobressair em relação às outras dependendo da nossa localização, pois ela demanda identidades específicas.

O que observamos com as histórias de Jeanette (VALENTINE, 2007) é que, mesmo ela sendo uma mulher, surda, lésbica, mãe, dentre outras identidades que ela vivencia simultaneamente, os diferentes espaços que Jeanette frequentou centralizavam uma identidade em detrimento das outras. Essa fragmentação de experiências fazia com que a própria Jeanette não se reconhecesse em algumas identidades. Além disso, faziam com que ela não se sentisse inteiramente aceita e pertencente a nenhum espaço.

Joseli M. Silva e Maria G. S. N. Silva (2011) fazem uma introdução sobre o conceito de interseccionalidade, utilizando autoras que já foram aqui citadas, como muitas outras/os autoras/es. Para elas, o conceito de interseccionalidade buscava analisar as identidades para além de uma perspectiva binária, entendendo-as como um processo com múltiplas combinações espaço-temporais. Portanto, para as autoras, é nesta perspectiva que a Geografia pode contribuir para a análise interseccional e vice-versa.

Segundo Silva e Silva (2011), a utilização geográfica do conceito de interseccionalidade pode nos proporcionar dar conta da complexidade das relações humanas e do próprio espaço, pois, como já dito anteriormente, se as identidades são móveis, complexas, paradoxais e são espaciais, então o próprio espaço não pode ser analisado como algo rígido e imóvel.

Como observamos com as/os autoras/es aqui citadas, quando pessoas são silenciadas, seu senso de identificação fica comprometido, fazendo com que as identidades menos aceitas desapareçam em detrimento das identidades mais aceitas. Esse processo fragmenta as experiências das pessoas que não estão dentro das normas e por isso, diferentemente de outras identidades sexuais, a bissexualidade é uma sexualidade solitária, como será evidenciado no segundo momento do texto.

As identidades e a identificação, como argumentado aqui pelas/os autoras/es que tratamos, não podem ser analisadas fora da experiência e, por conseguinte, não podem ser analisadas unilateralmente e a-espacialmente, pois toda experiência é vivida através de nossos corpos e pelo espaço de forma multiescalar.

Apesar de a escala ter sido interpretada, por muito tempo, na história da Geografia, como algo vertical, com hierarquias e recortes rigidamente demarcados, privilegiando a escala global, como uma maior hierarquia, e desprivilegiando o corpo, como uma menor hierarquia, após a década de 1980, isso começou a mudar (HEROD, 2011). Com a crescente utilização da teoria marxista e da teoria feminista nas ciências humanas, a discussão sobre a escala se expandiu para novas perspectivas. Segundo Herod (2011), houve pesquisadoras/es que sugeriram analisar as escalas através da

9 Apesar de sua trajetória de vida demonstrar uma orientação sexual bissexual, aqui respeitaremos a sua identidade sexual, que é lésbica.

performatividade¹⁰, ou seja, não as entendendo como algo dado, mas como algo produzido pela repetição de práticas que não só criam uma noção de normalidade e normatividade, mas que também as desestabilizam. Portanto:

1) não há escala mais ou menos válida, a realidade está contida em todas elas; 2) a escala da percepção é sempre ao nível do fenômeno percebido e concebido; [...] 3) a escala não fragmenta o real, apenas permite a sua apreensão (CASTRO, 2000 [1995], p. 132).

Por mais que haja projetos de homogeneização das experiências humanas no espaço (HARVEY, 2008 [1989]) (e, portanto, das identidades, pois, como vimos, elas se constituem na experiência), se considerarmos o corpo como algo sempre relacional, de forma multiescalar, com outros espaços, evidencia-se que essa homogeneização não só é impossível, mas é violenta, principalmente com corpos que fogem à norma.

Seguindo o argumento de Sánchez (2013), Haesbaert (2013) e Silva (et al 2013), de que nenhuma identidade é atemporal, a-espacial e uni-escalar, utilizaremos o argumento de Soja (1999). Neste texto, o autor escreve cinco teses para que possamos pensar e desenvolver novas formas de concepção do espaço, dentre outras importantes categorias como lugar, cidade, região, etc. Contudo, focaremos apenas nas três primeiras.

A sua primeira tese trata sobre a importância que os estudos espaciais e os estudos da produção humana do espaço passaram a ter no final do século XX, igualando-se aos estudos sobre o tempo, sobre a história, sobre a sociedade e sobre as relações sociais. Deste modo, começa-se a compreender a interligação e inseparabilidade da sociedade, da história e do espaço. Para o autor a “espacialidade, sociabilidade e historicidade” formam a “trialeção do ser”¹¹ (SOJA, 1999, p. 263). Essa trialeção influencia não só a ontologia, em termos de formação do conhecimento, mas também a “epistemologia, a construção de teorias, as práxis e análises empíricas, a transformação do conhecimento em ação”¹² (SOJA, 1999, p. 262). A chave para a compreensão da trialeção do ser parte de um não-privilegio de nenhuma das suas três formas. Em termos de exequibilidade, talvez priorizemos uma parte em detrimento das outras duas, mesmo que, segundo a afirmação do autor, não podemos perder de vista que o espaço, a sociedade e a história fazem parte de uma tríade inseparável.

A segunda tese de Soja (1999) trata sobre o binarismo presente na história da imaginação geográfica sobre o espaço. Ele propõe uma expansão nas formas em que podemos pensá-lo e analisá-lo. Assim, a partir da trialeção do ser, Soja (1999) constrói a “trialeção da espacialidade”¹³, contendo o percebido, o concebido e o vivido (ou Primeiro-espaço, Segundo-espaço e Terceiro-espaço).

10 Baseado no conceito de Judith Butler em *Gender Trouble* (1990).

11 “*The trialectics of being: spaciality, sociality, historicity.*” (SOJA, 1999, p. 263) – tradução nossa.

12 “[E]pistemology, theory building, empirical analysis and práxis, the transformation of knowledge into action” (SOJA, 1999, p. 262). – tradução nossa.

13 “*The trialectics of spatiality*” (SOJA, 1999, p. 265). – tradução nossa.

Para Soja (1999), o Primeiro-espaço (*Firstspace*) é o espaço percebido, que se refere ao mundo experienciado através de fenômenos mapeáveis e mensuráveis empiricamente. Para o autor, esta é a percepção mais presente na análise de geógrafas/os, principalmente para aquelas/es que possuem uma perspectiva geográfica mais clássica e rígida.

O Segundo-espaço (*Secondspace*) é o espaço concebido. Em contraste com o Primeiro-espaço, este é mais subjetivo e se preocupa mais com as representações das espacialidades (SOJA, 1999). Não possui uma rigidez na percepção material do espaço, mas se concentra em explorar o lado simbólico e subjetivo dele.

A terceira tese de Soja (1999) é, então, o Terceiro-espaço (*Thirdspace*), o espaço vivido, sendo compreendido por cinco pontos simultâneos: (1) como uma forma distinta de se interpretar e modificar a espacialidade produzida socialmente; (2) como uma parte integral da dialética da espacialidade; (3) como uma perspectiva espacial mais abrangente; (4) como um espaço estratégico de luta contra todas as formas de opressão; (5) como um ponto de partida para a concepção de outras espacialidades. Assim, o Terceiro-espaço tem múltiplas esferas, podendo ser um espaço de opressão, de liberdade, de expressão, de constrangimentos, de individualidade, de coletividade e muitas outras coisas que são evidenciadas em nosso trabalho de campo.

Como dito no início deste texto, ao realizarmos a análise das entrevistas segundo o método proposto por Bardin (1977), tivemos uma demanda teórica acerca da discussão do corpo. Para acessarmos como a Geografia brasileira tem pensado o corpo e, para encontrarmos trabalhos que nos ajudassem a pensar identidade, interseccionalidade, corpo e espaço, foram realizadas duas buscas¹⁴ no OGB.

As buscas foram feitas utilizando o termo “corp”, a primeira levou em consideração a presença geral do termo, seja no resumo, no título ou nas palavras-chave dos artigos (66 ao todo). A segunda busca considerou todas as ocorrências em qualquer campo dos artigos (1.436 ao todo). Consideramos que, quando uma discussão é central para um trabalho, ela será mencionada no título, resumo e/ou palavras-chave. Portanto, a nossa análise se estende, apenas, à primeira busca.

Nem todos os 66 artigos encontrados com o termo “corp” eram sobre corpo/corporeidade. Então, após analisarmos os títulos, resumos e palavras-chave destes trabalhos, chegamos ao volume de 36 artigos. Em seguida, fizemos uma categorização destes artigos, onde 24 veem o corpo como um espaço e/ou relacional com o espaço, 4 veem o corpo como território, em 3, o corpo é paisagem, 1 vê o corpo como um objeto de análise e 4 apresentam uma discussão escalar que engloba o corpo e espaço/território.

Dos 36 artigos, apenas 1 discute corpo, identidade e espaço, sendo o trabalho de Patrício P. A. de Sousa, intitulado "Ensaio sobre a Corporeidade: Corpo e Espaço como Fundamentos da Identidade" (2009). Como o título sugere, neste texto, o autor pretende trabalhar como corpo e espaço são conceitos que fundamentam a constituição das identidades, e utiliza esta discussão para analisar sua pesquisa realizada no Congado, em Minas Gerais.

14 As duas buscas foram realizadas em 19 de março de 2021, às 16h34.

Para Sousa (2009), corpo e espaço foram tidos, por muito tempo, como passivos, entidades nas quais forças externas se inscreveriam, mas ambos possuem características e complexidades únicas e são agentes ativos na produção da realidade. Desta forma, tanto o corpo como o espaço foram colocados como algo dado a priori, ao invés de constituições sociais. Ainda para o autor, o corpo compreende uma dimensão espacial, a qual irá constituir a corporeidade.

As práticas corporais que servem como marcadores para a diferenciação dos grupos envolvem uma apropriação espacial (SOUSA, 2009). Desta forma, espaço e corpo são entidades que fundamentam as identidades, pois é neles que a identidade é construída e performada. Nesta discussão, a alteridade é responsável por “tipificar, desvalorizar ou estereotipar as práticas do outro a partir da tentativa de proteção e asseguramento de nossa identidade” (SOUSA, 2009, p. 39), e estes elementos são os mais presentes nas falas das pessoas que entrevistamos, demonstrando uma deslegitimação da bissexualidade por pessoas heterossexuais e mesmo por pessoas “lésbicas e gays”¹⁵.

Semelhante à visão de Sousa (2009), Herod (2011) acredita que o corpo é criado e moldado biológica e socialmente, e atribui às teorias feministas o protagonismo que o corpo tomou em algumas discussões. O autor salienta que, apesar do corpo ter uma discussão significativa dentro da discussão da teoria feminista, é importante ressaltar que este também foi alvo da Geografia sob outras perspectivas, como pela perspectiva racial, geracional, etc. A análise da argumentação de Herod (2011) evidencia que todas as discussões apresentadas por ele têm um ponto comum, que é a identidade, mesmo que este conceito não esteja sendo discutido nas obras destacadas por ele.

Segundo Herod (2011), os estudos *queer*¹⁶ também contribuíram significativamente para a discussão sobre o corpo, ao desafiar a lógica binária que vinha sendo trabalhada nas teorias feministas e mesmo em outros campos. Suas críticas trouxeram à luz os dualismos entre feminino/masculino, homem/mulher, heterossexualidade/homossexualidade que, muitas vezes, descaracterizavam e empobreciam a discussão sobre o corpo. A Geografia Queer, nesta mesma perspectiva, elucidou como as sexualidades são performadas de forma diversa, em diferentes espacialidades e contextos sociais.

Tanto Herod (2011) quanto Silva e Ornat (2016) atribuem às teorias feministas e à teoria *queer* o protagonismo do corpo como um importante elemento de análise para as relações de gênero, e se a experiência humana é corporificada, espacial e multiescalar, então o corpo é também um importante elemento de análise para a geografia (SOUSA, 2009; SILVA; ORNAT, 2016).

É através do corpo e, portanto, do espaço, que os processos de subjetivação dos sujeitos se transcrevem (SILVA; ORNAT, 2016), ou seja, é por processos corporais e espaciais que as identidades são criadas, modificadas e

15 Por mais que as pessoas que entrevistamos tenham utilizado a sigla LGBT, entendemos, pelas suas falas, que elas/es/us estavam se referindo à gays e lésbicas.

16 Termo de origem indoeuropeia, inicialmente significava “estanho” ou “esquisito”, servia como ofensa para homens “afeminados”. Atualmente, é uma identidade sexual e de gênero, associada a gays, lésbicas, bissexuais e dissidentes de gênero.

apreendidas. Apesar do espaço, do tempo e das formas corpóreas não serem decisivos nas nossas experiências de vida, eles possuem grande influência e, portanto, não podem ser dissociados nas nossas análises (SÁNCHEZ, 2013; SILVA; ORNAT, 2016). Corpo e escala, muitas vezes, são entendidos como processos dados pela natureza e, por isso, os enxergamos como partes separadas e fragmentadas, ao invés de enxergarmos suas inter-relações, inseparabilidade e constante mutabilidade (SOUSA, 2009; HEROD, 2011; SILVA; ORNAT, 2016).

Do mesmo modo, o espaço foi compreendido, por muito tempo, como algo partindo de uma única narrativa, como aponta Massey (2008). Mas ele é um produto de inter-relações, é a esfera da possibilidade e da multiplicidade de trajetórias e, por fim, está sempre em construção. O espaço, para Massey (2008), é resultado de relações identitárias imprevisíveis que se ligam indefinidamente e incontavelmente. Ainda para a autora, se entendemos que as relações sociais são múltiplas e heterogêneas (e subjetivas), e estas produzem e constituem espaços, então os espaços também são múltiplos e heterogêneos (e subjetivos), pois toda narrativa, toda trajetória, carrega em si uma temporalidade e espacialidade, como poderemos acompanhar na seção a seguir com as análises das entrevistas.

As vivências identitárias e espaciais de pessoas bissexuais em Ponta Grossa/PR

Há considerável dificuldade em pesquisar sexualidades e identidades de gênero dissidentes, pois nem todas as pessoas neste espectro sentem-se confortáveis em compartilhar suas histórias. Mas nossas posicionalidades dentro e/ou em relação à população LGBTQIAPN+ nos possibilitou o fácil acesso às pessoas entrevistadas pois, como argumentado por Muñoz (2010), as nossas posicionalidades como pesquisadoras/es podem nos permitir acessar informações privilegiadas quando as pessoas que estamos pesquisando identificam-se conosco, pois essa identificação gera uma confiabilidade entre pesquisadas/os e pesquisadoras/es.

Optamos por entrevistar ao menos três pessoas, um homem, uma mulher e uma pessoa não conformista de gênero, para conhecermos como a bissexualidade pode ser diversa entre as diferentes identidades de gênero. Nesta busca, encontramos quatro bissexuais¹⁷ na cidade de Ponta Grossa. A primeira pessoa que tivemos contato foi Camélia¹⁸, que é uma pessoa do nosso ciclo de convivência. Em seguida, Bernardo, Amanda e Charlie foram encontrados com a técnica de bola de neve¹⁹.

As entrevistas foram realizadas através da ferramenta *Google Meet* e pelo

17 Como pode ser visto no Quadro 1, Charlie está se questionando dentro da multissexualidade, mas até o início do ano de 2020 se identificava como bissexual, por isso mantivemos a sua entrevista.

18 Os nomes que utilizaremos nesta análise são fictícios, indicados pelas próprias pessoas entrevistadas.

19 A técnica de bola de neve, ou *snowball sampling* aqui utilizada é a proposta por Goodman (1961) em que um indivíduo de uma amostra *k* indica outras pessoas da sua rede de convívio que também se encaixam na amostra.

WhatsApp, pois, com a pandemia da Covid-19, encontros presenciais não seriam seguros. Por mais que acreditemos que um encontro cara-a-cara seria mais produtivo, não sentimos que a qualidade das entrevistas e informações acessadas foram comprometidas.

No Quadro 1, elencamos as identidades presentes nos discursos das pessoas que entrevistamos. Não há uma variedade na faixa etária, pois a bissexualidade, por muito tempo, não foi considerada uma possibilidade, como podemos concluir pelas falas das pessoas que entrevistamos, as quais conheceram o termo “bissexualidade” pelas redes sociais e/ou na universidade. Portanto, acreditamos que é natural que tenhamos mais facilidade de encontrar pessoas bissexuais da geração Y e da geração Z²⁰. Também não tivemos uma variação étnico-racial, pois 78,6% da população pontagrossense se autodeclara branca (IPARDES, 2019). Portanto, a probabilidade de encontrarmos pessoas brancas bissexuais é consideravelmente maior que em outras etnicidades/racialidades. Assim, vejamos o quadro abaixo:

Quadro 1 – Identidades apresentadas nas falas das pessoas entrevistadas

Nomes fantasia	Camélia	Bernardo	Amanda	Charlie
Informações identitárias	Bissexual; Mulher; Mãe; Cor branca; 26 anos; Pesquisadora.	Bissexual; Homem; Cisgênero; Cor branca; 20 anos; Provedor.	Bissexual; Mulher; Cisgênero; Cor branca; 21 anos; Estudante.	Dentro da multissexualidade; Não-conformista de gênero; Demissexual; Cor branca; 21 anos; Estudante.

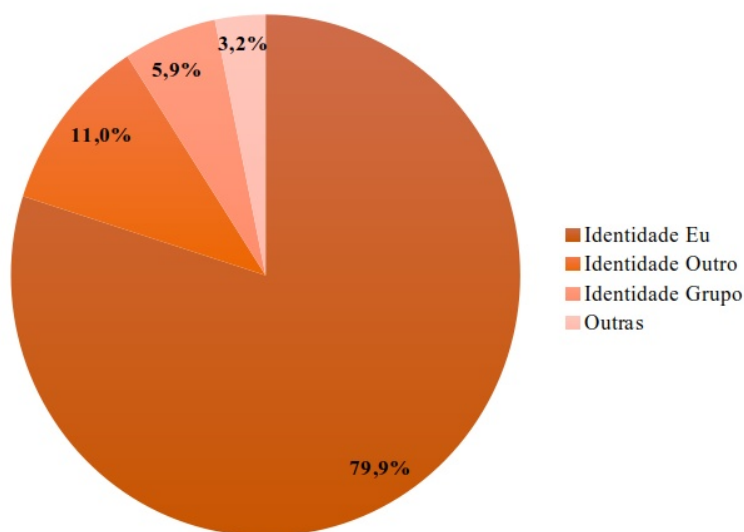
Fonte: Os autores, com base na coleta de dados realizada em setembro de 2020.

A primeira análise que fizemos das entrevistas foi seguindo o método de categorização por evocações, proposto por Bardin (1977), o que totalizou 227 evocações. Seguindo o argumento de Massey (2008), de que o espaço não é anterior às identidades, mas sim que as relações entre as identidades e as espacialidades são co-constitutivas, decidimos iniciar a análise das evocações classificando-as em categorias discursivas e, a partir delas, em espacialidades discursivas.

Para a classificação das categorias discursivas que expressam identidades (Eu, Grupo e Outro), seguimos o argumento de Le Bossé (2013), sempre respondendo às perguntas "o que é?", "quem são eles?", "quem somos nós?", e levando em consideração o sujeito das falas, como podemos observar no Gráfico 1 abaixo:

20 As pessoas da geração Y (ou *millennials*), são aquelas nascidas entre 1980 e 2000, enquanto as da geração Z nasceram a partir de 2001 (REVISTA GALILEU, 2018).

Gráfico 1 - Categorias identitárias discursivas identificadas nas entrevistas



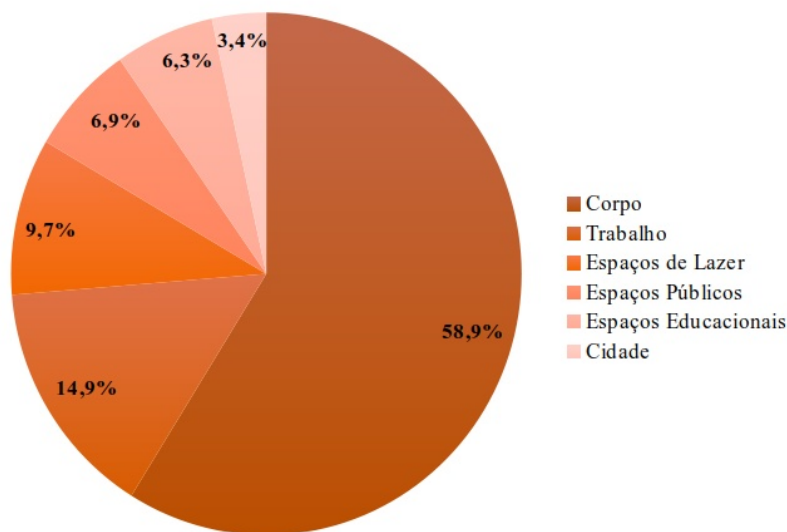
Fonte: Formulário de pesquisa (2021).

Identificamos ainda “Outras Identidades”, como “masculina”, “feminina”, “materna” e “transexual” que, por totalizarem 3,2%, foram agrupadas²¹. O que pudemos constatar com isto é que a bissexualidade é uma identidade muito individual, pois em raros momentos as pessoas entrevistadas falavam na primeira pessoa do plural. Além disso, em momento algum elas demonstravam se sentir genuinamente parte de um grupo ou coletivo, pois o sujeito presente em suas falas era, quase sempre, o “eu”. Quando falavam em uma “Identidade Grupo”, muitas falas evidenciavam bifobia, a própria bissexualidade e o seu enfrentamento. Em relação à “Identidade Outro”, evidencia-se uma menor incidência do “eu” e a percepção que outras pessoas possuem da bissexualidade.

Após elencarmos as categorias discursivas que expressam identidades, agrupamos as espacialidades discursivas presentes em cada uma delas. A “Identidade Eu” tem o “corpo” como a espacialidade mais expressiva. Isso fortalece o nosso argumento de que a bissexualidade é uma identidade individual, pois, como argumentado por Silva e Ornat (2016), o corpo marca a fronteira entre o eu e o outro. Do mesmo modo, a partir da imaginação geográfica proporcionada pela argumentação de Soja (1999), em uma perspectiva de terceiro espaço, o corpo é uma espacialidade vivida segundo a forma em que o mundo é interpretado, conectado com relações sociais e temporais, uma possibilidade estratégica de luta contra forças opressoras. Neste caminho, é através do corpo que são vividas a opressão, a liberdade, os constrangimentos, as individualidades e as coletividades, como expresso no Gráfico 2.

21 3,52% das evocações totais não estão sendo consideradas neste gráfico, pois não constituíram eixo semântico.

Gráfico 2 - Espacialidades discursivas presentes na “Identidade Eu”



Fonte: o autor, com base na coleta de dados realizada em setembro de 2020.

Na espacialidade do “corpo”, a maior parte das evocações demonstram bifobia. Diferente da transfobia, da homofobia e da lesbofobia, a bifobia é muito mais sutil. O que nos foi evidenciado pelas entrevistas é que as pessoas bissexuais são sempre desacreditadas, tidas como vulgares, promíscuas, fetichizadas e, quando estão em um relacionamento, sempre há julgamento e medo da/o parceira/o em ser trocado por alguém do gênero oposto. Apesar da bifobia não apresentar uma violência física recorrente, como ocorre com outras identidades, ela é também violenta e também deixa marcas, como evidenciado na fala de Camélia: “[N]ão é aquela história assim ‘puts, você é bissexual, porque você não sabe o que você quer, porque você tá perdida ou você só quer sair pegando todo mundo’ e não é assim, né?!” (CAMÉLIA, Ponta Grossa, 02/09/2020).

As outras espacialidades discursivas na “Identidade Eu”, como podem ser vistas no Gráfico 2 acima, são pouco expressivas, pois são espacialidades em que a bissexualidade não é compreendida e, portanto, pouco se apresenta, como evidenciam os relatos. Elas também possuem uma forte presença da bifobia, mas também do medo, da afirmação das identidades bissexuais e do enfrentamento que essas pessoas fazem frente às demais. Por isso o “corpo” é tão presente, pois é a espacialidade pela qual a bifobia é enfrentada.

Na “Identidade Grupo”, como apresentada no Gráfico 3, o “corpo” é ainda mais presente que na “Identidade Eu” e na “Identidade Outro”, evidenciando uma violência comum entre pessoas bissexuais, ao mesmo tempo que demonstra que elas se sentem incompreendidas e deslegitimadas, mesmo dentro da população LGBTQIAPN+, como podemos ver na fala do Bernardo:

A comunidade, eles têm muito esse pensamento fechado ainda sobre a bissexualidade, sabe?! Então... É que assim, eu não tenho convivência extrema com pessoas héteros, então as que eu tenho fazem isso, mas elas são poucas comparadas com pessoas LGBT, que

Hortência Gomes de Brito Souza, Marcio Jose Ornat



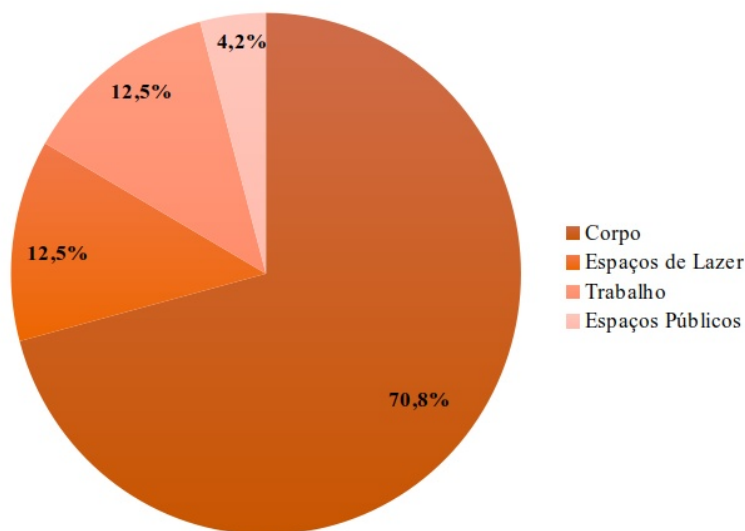
mesmo sendo LGBT fazem a mesma coisa, sabe?! (BERNARDO, Ponta Grossa, 01/09/2020).

Segundo Butler (1993), com a prática de repúdio que alguns gays e lésbicas possuem com a identidade heterossexual, decorre daí uma deslegitimação das identidades bissexuais, partindo de uma lógica normativista que elas/es mesmas/os repudiam. Como vimos com Hall (1996) e Scott (2005), as identidades grupais tendem a anular ou deslocar umas às outras, apresentando contradições tanto dentro quanto fora. Do mesmo modo, como proposto por Haesbaert (2013), a identificação se dá em relação a um referente, por isso a bissexualidade é ininteligível, mesmo para algumas pessoas da população LGBTQIAPN+.

O “corpo” é também a espacialidade mais expressiva na “Identidade Grupo”, porque ele é um espaço de resistência e enfrentamento e, nesse sentido, percebemos uma identidade coletiva. Como indicado por Silva *et al.* (2013), em termos geográficos, o corpo será uma materialidade compreendida enquanto um campo de batalha, resultado de uma rede de saberes e poderes.

As outras espacialidades presentes na “Identidade Grupo” apresentam outros elementos como a amizade, a afirmação da bissexualidade, o acolhimento, mas também a bifobia. Assim como na “Identidade Eu”, estas outras espacialidades têm uma menor ocorrência, por serem espacialidades em que a bissexualidade não é vista e compreendida de uma forma geral, como pode ser visto no Gráfico 3, a seguir:

Gráfico 3 - Espacialidades discursivas presentes na “Identidade Grupo”



Fonte: o autor, com base na coleta de dados realizada em setembro de 2020.

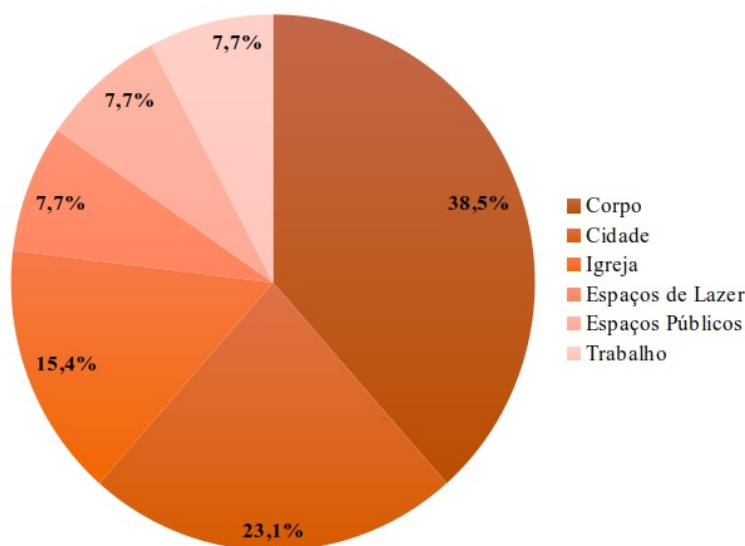
Na “Identidade Outro” temos a menor incidência do “corpo” quando comparados com a “Identidade Eu” e “Identidade Grupo”, e maior presença de outras espacialidades. Isso ocorre porque, como dito anteriormente, a bissexualidade é uma sexualidade ininteligível e impensável para muitas pessoas, como expresso nas falas de Amanda e Camélia:

[E]u sou uma pessoa muito feminina, entre muitas aspas, eu passo como [heterossexual]... sabe?! (AMANDA, Ponta Grossa, 01/09/2020).

Quando a gente é... Eu acho que passam um pano, eu não sei, porque as pessoas meio que olham assim ‘ah, é uma mulher, ela tem os traços assim femininos, tá com filho’, ninguém vai olhar e pensar assim ‘é uma bi’ (CAMÉLIA, Ponta Grossa, 02/09/2020).

Como demonstrado nas falas acima e no Gráfico 4, a seguir, os “espaços públicos” e a “cidade” são escalas compostas por um apagamento das identidades bissexuais e, portanto, o “corpo” é a única espacialidade em que esta identidade existe em sua totalidade.

Gráfico 4 - Espacialidades discursivas presentes na “Identidade Outro”



Fonte: o autor, com base na coleta de dados realizada em setembro de 2020.

O que se evidencia com estes relatos é que os “espaços públicos” e os “coletivos” são espaços do Outro e, por isso, aparecem com mais intensidade que em comparação com a “Identidade Eu” e a “Identidade Grupo”. Mesmo a espacialidade “corpo” apresentada na “Identidade Outro”, está relacionada com a forma em que as outras pessoas enxergam corpos bissexuais, por isso a bifobia, o medo, a imagem e a religião são os elementos mais presentes nessa categoria.

Considerações finais

Esta pesquisa compreendeu como a geografia compõe as vivências identitárias de pessoas bissexuais em Ponta Grossa, no Paraná. Tendo em vista o que foi apresentado e discutido, evidencia-se que o “corpo” é uma das espacialidades centrais das vivências identitárias de pessoas bissexuais, sendo tanto um refúgio para estas pessoas quanto um mediador entre outras escalas espaciais e também temporais, já que o corpo é também um receptáculo de

memórias.

Compreendemos pelas falas das pessoas entrevistadas que a bissexualidade é uma identidade individual, ou mesmo solitária, pois mesmo identidades fora da alteridade reproduzem uma norma que torna a bissexualidade ininteligível, sendo vista como uma falta de comprometimento e lealdade (BUTLER, 1993).

Portanto, quanto mais deslocada e incompreendida a pessoa se sente em relação às demais, mais importante a sua individualidade e seu corpo se tornam. É extremamente doloroso não se reconhecer em seu próprio corpo e nos sistemas sociais, devido as nossas posições espaço-temporais e devido aos sistemas opressores que engendram nossa sociedade. Desta forma, quando adquirimos autoconhecimento e nos aceitamos, nosso corpo se torna inestimável, pois é o único espaço em que vivemos plenamente da forma com que gostaríamos, mesmo que este viver não seja explícito para os demais.

Pessoas bissexuais são bissexuais o tempo todo. No entanto, a menos que verbalizem categóricamente e incessantemente, esta identidade não é considerada como uma possibilidade, pois foge do binarismo heterossexual/homossexual. Assim, ser bissexual é o ser e o não ser, o existir e o não existir, simultaneamente. Mas, apesar deste paradoxo, resistem!

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Trad.: Luis A. Reto; Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977. 225p.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter**. On the Discursive Limits of "Sex". New York: Routledge, 1993.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da escala. *In*: CASTRO, I.E.; GOMES; P.C.C.; CORREA, R.L. (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 117 – 140.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. *In*: **University of Chicago Legal Forum**. Chicago, vol. 1989, art. 8, p. 139-167, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOODMAN, Leo .A. Snowball Sampling. *In*: **Annals of Math. Statist.** vol. 32, nº 1. Março, 1961. p. 148 – 170. DOI: 10.1214/aoms/1177705148

HAESBAERT, Rogério. Identidades territoriais. *In*: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia cultural**: uma antologia, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 233 – 244.

HALL, Stuart. The Question of Cultural Identity. *In*: **Modernity: An Introduction to Modern Societies**. Haboken: Blackwell, 1996. p. 596-632.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. Trad.: Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. 17ª ed. São Paulo: Loyola, 2008. 349p.

HEROD, Andrew. **Scale**. Park Square: Routledge, 2011. 313p.

IPARDES. **Caderno estatístico município de Ponta Grossa**. Disponível em: https://smma.pontagrossa.pr.gov.br/download/pg_sustentavel/ipardes_caderno_pg.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.

LE BOSSÉ, Mathias. As questões de identidade em geografia cultural – algumas concepções contemporâneas. In: CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, Z. (Org.) **Geografia cultural: uma antologia**, volume II. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013. p. 221 – 232.

LORDE, Audre. Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference. In: **Sister Outsider**. Essays and Speeches. Berkeley: The Crossing Press, p. 114-123, 2007.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad.: Rogério Haesbaert; Hilda P. Maciel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MUÑOZ, Lorena. Brown, Queer and Gendered: Queering the Latina/o ‘Street-Scapes’ in Los Angeles. In: BROWNE, K.; NASH, C.J. **Queer methods and methodologies: intersecting queer theories and social science research** England: Ashgate, 2010. p. 55-68.

REVISTA GALILEU. **“Integrantes da Geração Z ultrapassarão Millennials a partir de 2019”**. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2018/08/integrantes-da-geracao-z-ultrapassarao-millennials-partir-de-2019.html> . Acesso em: 9 dez. 2022.

ROSE, Gillian. **Feminism & Geography**. The limits of Geographical Knowledge. Cambridge: Polity Press. 1993.

SÁNCHEZ, Rosaura. On a Critical Realist Theory of Identity. In: ALCOFF, L.M. *et al.* (eds). **Identity Politics Reconsidered**. The Future of Minority Studies. Palgrave Macmillan, New York, 2013. p. 31-52.

SCOTT, Joan. O enigma da Igualdade. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(1), jan-abr, 2005, p. 11-30.

SILVA, Joseli M.; ORNAT, Marcio J.; CESAR, Tamires R.A.O.; CHIMIN JUNIOR, Alides B.; PRZYBYSZ, Juliana. O Corpo como Elemento das Geografias Feministas e Queer: Um Desafio para a Análise no Brasil. In: SILVA, J.M.; ORNAT, M.J.; CHIMIN JUNIOR, A.B. **Geografias Malditas**.

Corpos, Sexualidades e Espaços. Ponta Grossa: TodaPalavra, 2013, p. 85 – 142.

SILVA, Joseli M.; ORNAT, Marcio J. Corpo como espaço: um desafio à imaginação geográfica. *In*: PIRES, C.L.Z.; HEIDRICH, A.L.; COSTA, B.P. **Plurilocalidade dos sujeitos**: representações e ações no território. EdUFF: Porto Alegre, 2016. p. 56 – 75.

SILVA, Joseli M; SILVA, Maria das Graças S.N. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: em direção às pluriversalidades do saber geográfico. *In*: SILVA, M.G.S.N.; SILVA, J.M. (orgs.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa: TODAPALAVRA, p. 17-35, 2011.

SOJA, Edward S. Thirdspace: Expanding the Scope of the Geographical Imagination. *In*: MASSEY, D.; ALLEN, J.; SARRE, P (eds.). **Human Geography Today**. Cambridge: Polity Press, 1999, P. 260-78.

SOUSA, Patrício P.A. Ensaio a corporeidade: corpo e espaço como fundamentos da identidade. *In*: **Geografares**, UFMG. v. 0, n. 7, 2009. p. 35 – 50.

TRUTH, S. **Narrative of Sojourner Truth**. GILBERT, O (ed.). Boston: 1875. Disponível em: http://www.libraryweb.org/~digitized/books/Narrative_of_Sojourner_Truth.pdf. Acesso em: 21 jun. 2021.

VALENTINE, G. Theorizing and Researching Intersectionality: A Challenge for Feminist Geography. *In*: **The Professional Geographer**, v. 59, n. 1, p. 10 – 21. 2007.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Hortência Gomes de Brito Souza: Conceituação, Curadoria de dados, Análise Formal, Investigação, Metodologia, Escrita (primeira redação).

Marcio Jose Ornat: Conceituação, Visualização [de dados (quadro, gráfico)], Análise Formal, Escrita (revisão e edição).

Recebido em 30 de maio de 2022.

Aceito em 10 de novembro de 2022.

Hortência Gomes de Brito Souza, Marcio Jose Ornat

